

Painel de Conjuntura Macroeconômica

agosto 2017

Semana 4

▪ Opinião

- Bens de Capital: um setor em busca de mercado.

▪ Confiança

- cai para consumidor e empresas do comércio e aumenta para a indústria e serviços, apontam FGV e confederações de segmentos empresariais.

▪ IPCA

- Expectativas voltam a cair.

▪ Mercado de Trabalho

- Análise da mão-de-obra ocupada no Paraná (2º Trimestre 2017)

▪ Tecnologia

- A era dos Microserviços.

Estimativas para encerramento do ano - Brasil

Estimativas para Encerramento do Ano - Brasil	2017	2018
PIB (% do crescimento)	0,39	2,00
Produção Industrial (% do crescimento)	1,00	2,16
Inflação - IPCA (%)	3,45	4,20
SELIC	7,25	7,50
Dívida Líquida do Setor Público (% do PIB)	51,95	55,60
Taxa de Câmbio - fim do período (R\$/US\$)	3,19	3,31
Balança Comercial (US\$ Bilhões)	61,35	48,00
Investimento Direto no País (US\$ Bilhões)	75,00	75,00

Fonte: Bacen

Agenda da Semana

- 28-08 Relatório Focus (Bacen)
- 28-08 Balança Comercial (MDIC)
- 28-08 Nota Mercado Aberto Julho - 2017 (Bacen)
- 29-08 Resultado Primário do Governo Central - Julho - 2017 (Bacen)
- 29-08 IPP - Indústria de Transformação - Agosto - 2017 (IBGE)
- 30-08 IGPM - Agosto - 2017 (FGV)
- 30-08 Nota da Política Fiscal - Julho - 2017 (Bacen)
- 30-08 Fluxo Cambial - Semana (Bacen)
- 31-08 Pnad Contínua - Julho - 2017 (IBGE)
- 01-09 Balança Comercial - Agosto - 2018 (MDIC)
- 01-09 IPC(S) - Agosto - 2017 (FGV)
- 01-09 PIB - 2º Trimestre - 2017 (IBGE)

OPINIÃO

Bens de Capital: um setor em busca de mercado.



As empresas presentes no setor Bens de Capital atravessam momento econômico difícil. Ao final de 2014 alguns analistas publicaram alertas com previsões delicadas para a economia do país, fato este revelado no desempenho dos índices nos anos de 2015 e 2016. Apesar de sinais de melhoras na economia, verificados em 2017, ainda não é possível estar 100% convicto de um cenário positivo para o curto e médio prazo para as empresas do segmento.

Para uma melhor avaliação é importante ressaltar o conceito de Bens de Capital, também conhecidos como bens de produção. São os equipamentos e instalações necessários para produção de outros bens ou serviços. Compreendem os bens de capital: máquinas, equipamentos e ferramentas, portanto são utilizados como base para produção, refletem os investimentos diretos e constituem o capital dos negócios.

O setor de Bens de Capital no Brasil oferece produtos de diversas características, enquadrados como seriados e não seriados. Observando-se as características dos produtos, o enquadramento como não seriado acontece quando a demanda é gerada somente sob encomenda. Esse nicho sofre acentuada desaceleração de vendas por conta da falta de novos investimentos, sejam de empresas públicas ou privadas.

No mercado brasileiro os fornecedores de Bens de Capital não seriados estão presentes em diversos setores, tais como geração de energia, mineração, transporte, obras, óleo e gás, entre outros. Em razão da grande complexidade que envolve os seus negócios, o setor executa contratos turn key, chave na mão ou solução completa, que é uma forma de operação de maior amplitude em que empresas do setor, na busca por melhor valor agregado, operam na condição EPC – Engineering, Procurement and Construction.

Considerando os variados tipos de produtos ofertados para clientes em diferentes setores e atuação,

percebe-se a necessidade de grande esforço para reestruturação em alguns negócios. Analisando com cuidado esse tema, observamos que a receita dos anos 2015, 2016 e 2017 são referentes a vendas em períodos anteriores. Com base nesse fato, é possível compreender que a desaceleração econômica dos anos anteriores poderá continuar impactando por mais tempo essa divisão, pois quando ocorrer a retomada de crescimento as novas vendas podem não gerar receita imediata, considerando que os possíveis novos contratos devem performar no médio e longo prazo.

De acordo com a publicação da Revista Exame Maiores e Melhores 2017, é possível constatar indicadores críticos no setor Bens de Capital, pois na análise de vendas o setor apresenta redução de 50,6% em comparação ao período 2015. Entre as 10 maiores do setor, verifica-se queda na Receita Líquida na maioria das empresas e situação também comprometida com Lucro Líquido negativo.

A reportagem apresentou a gigante Alstom com significativo resultado negativo, o que denota a complexidade dos percalços que atravessam diversas empresas de Bens de Capital. Não obstante, é possível encontrar organizações em condição estável e com importantes sinais de reação, como é o caso da catarinense WEG, que tem expressiva presença no setor de Energia e está presente em 12 países.

Em ampla interpretação podemos concluir que o sucesso no setor de Bens de Capital depende fundamentalmente da retomada de crescimento econômico, que resulte em novos investimentos. Porém, a escassez de recursos limita a busca por desenvolvimento, tecnologia e melhorias que proporcionem versatilidade e eficiência no mercado. A exemplo da Yazaki, player de grande respeito no setor, que fabrica produtos para os setores automotivos, energia, gás e climatização, várias empresas, no afã de se tornarem mais competitivas, buscam oportunidades de implantação de unidades no Paraguai, atraídas principalmente pelos incentivos fiscais e baixa burocracia. Reflexos da crise brasileira combinada com nossos entraves operacionais.

**Marcelo Loução de Moura é aluno do MBA em Gestão Financeira, Controladoria e Auditoria no ISAE-FGV e Graduação em Administração. Possui ampla experiência com Empresas do setor Bens de Capital e atua em Consultoria de finanças, planejamento e controle.*

CONFIANÇA

Confiança cai para consumidor e empresas do comércio e aumenta para a indústria e serviços, apontam FGV e confederações de segmentos empresariais.

A Fundação Getúlio Vargas (FGV), a Confederação Nacional da Indústria (CNI) e a Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC) divulgaram suas pesquisas de confiança na economia para o mês de agosto de 2017.

Consumidor

O Índice de Confiança do Consumidor (ICC) da FGV caiu 1,1 ponto em agosto, quando comparado com julho/17, chegando em 80,9 pontos (dados dessazonalizados). É a terceira queda consecutiva. Os componentes do ICC (Índice de Situação Atual - ISA - Índice de Expectativas - IE) mostraram recuperação de parte da satisfação dos consumidores em relação à situação presente, perdida nos últimos quatro meses, e piora das expectativas em relação ao futuro próximo. O ISA subiu 1,0 ponto em agosto (69,7 para 70,7 pontos) e o IE recuou -2,5 pontos (91,4 para 88,9 pontos).

Comércio

A Sondagem do Comércio da FGV mostrou queda no Índice de Confiança do Comércio (ICOM) em agosto/17. Ele recuou 1,0 ponto, ao passar de 83,4 para 82,4 pontos. Para Aloisio Campelo Jr., Superintendente de Estatísticas Públicas da FGV/IBRE, "o resultado de agosto mostra que o ritmo da economia ainda é lento e que, passado o período de liberação de recursos de contas inativas do FGTS, o comércio está em compasso de espera por novas notícias que gerem mais segurança com relação à sustentabilidade da recuperação econômica". A queda do ICOM em agosto ocorreu em 9 dos 13 segmentos pesquisados e houve piora tanto nas expectativas quanto na situação atual. Os componentes do ICOM (Índice de Situação Atual e de Expectativas) caíram 1,8 ponto e 0,3 ponto, respectivamente.

Os números do comércio levantados pela FGV são corroborados pela CNC, que divulgou queda no Índice de Confiança do Empresário do Comércio (ICEC) de 0,3% na passagem de julho para agosto (com ajuste sazonal), ficando em 103,1, ainda na zona de avaliação positiva. Isso indica otimismo entre a classe, apesar da proximidade com a zona neutra (100 pontos). Contrariando o número da FGV, os componentes do ICEC, mostraram crescimento de 1,1% para Condições Atuais do Empresário do Comércio (ICAEC), queda de 0,3% nas Expectativas do Empresário do Comércio (IEEC) e alta de 0,4% nas intenções de Investimentos do Empresário do Comércio (IIEC).

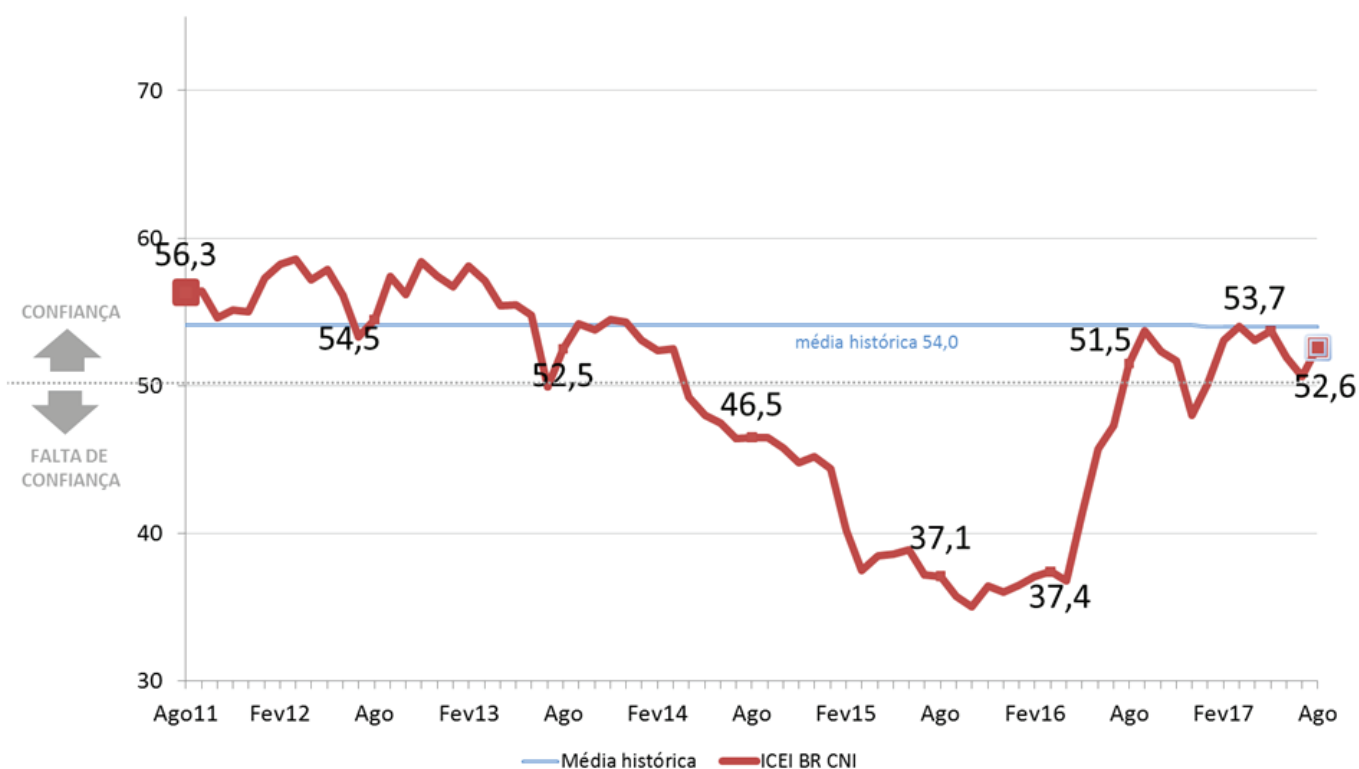
Serviços

O Índice de Confiança de Serviços (ICS) da FGV avançou 0,3 ponto em agosto, comparado a junho, ficando em 83,2 pontos. É a segunda alta consecutiva. Dos componentes do ICS, o Índice de Expectativas (IE-S) subiu 0,9 ponto e o Índice da Situação Atual (ISA-S) recuou 0,3 ponto. Para Silvio Sales, consultor da FGV/IBRE, "a discreta melhora na percepção das empresas de serviços em agosto voltou a se sustentar nas expectativas, enquanto as avaliações correntes não apontam sinal consistente de recuperação". A redução observada em agosto no indicador de emprego previsto, que há três meses vinha sinalizando melhora, reforça o cenário de um processo lento de retomada do ritmo de atividade do setor.

Indústria

A FGV divulgou o Índice de Confiança da Indústria (ICI), que apontou alta de 1,4 ponto em relação ao número final de julho, chegando em 92,2 pontos em agosto. É a segunda alta consecutiva. Ambos os componentes do ICI (Índice da Situação Atual – ISA – e Índice de Expectativas – IE) subiram 1,6 ponto e 1,0 ponto, para 90,0 e 94,4 pontos, respectivamente. Os números da FGV relativos à indústria são confirmados pela CNI, que divulgou seu Índice de Confiança do Empresário Industrial (ICEI). O índice cresceu dois pontos em agosto/17 na comparação com o mês anterior, atingindo 52,6 pontos, e se afastou da linha divisória de 50 pontos em direção ao campo da confiança. Vale lembrar que em julho marcava 50,6 pontos, sem apontar confiança ou falta de confiança do empresário.

ICEI BRASIL - CNI



Fonte: CNI – Elaboração: ISAE

Ambos os componentes do ICEI (condições atuais e expectativas da economia) tiveram crescimento, assim como em todos os segmentos e portes de indústrias pesquisadas.

Apesar dos índices de confiança do consumidor e do comércio apontarem queda na passagem de julho para agosto/17, eles apresentam boa evolução quando comparados com o mesmo período do ano passado. Da mesma maneira acontece com os índices da indústria, que apresentaram crescimento. Dessa forma, percebe-se que há certo otimismo dos atores econômicos, apesar de tímido, o que coaduna perfeitamente com os números de crescimento pouco representativo da atividade econômica ou do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro para este ano.

**Christian Frederico da Cunha Bundt é Administrador, professor pesquisador II da Universidade Estadual de Ponta Grossa e membro do Conselho Deliberativo da Associação Empresarial e do Observatório Social de São José dos Pinhais.*

IPCA

Expectativas voltam a cair.

As expectativas para a inflação de 2017 voltam a cair depois de 6 semanas. O Relatório Focus, divulgado pelo Banco Central do Brasil, reduziu as projeções para o IPCA de 3,49% para 3,45% em 2017, e mantendo em 4,20% (pela segunda semana seguida) a estimativa para 2018. Na semana passada a Fundação Getúlio Vargas divulgou o IPC-S, que é um indicador de índice de preços semanal, indicando a desaceleração da inflação de 0,40% para 0,33%, o que veio refletido no Relatório Focus.

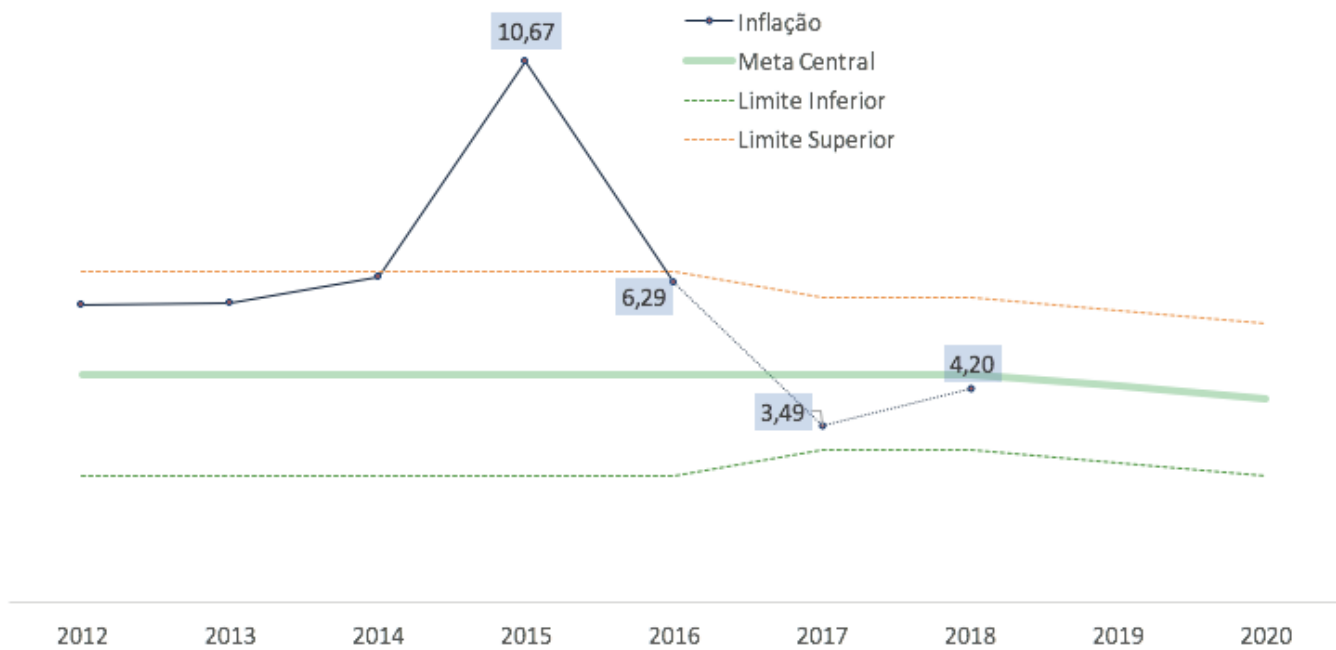
Na mesma direção, as TOP 5, instituições que mais se aproximam do índice em suas projeções, também revisaram as expectativas de 2017 para baixo, de 3,49% para 3,45%, enquanto para 2018 aumentou levemente de 4,19% para 4,21%

	2017				2018			
	Há 4 semanas	Há 1 semana	Hoje	Comportamento Semanal	Há 4 semanas	Há 1 semana	Hoje	Comportamento Semanal
Mediana	3,40	3,52	3,45	▼ (1)	4,20	4,20	4,20	● (6)
Top 5	3,09	3,49	3,45	▼ (1)	4,23	4,20	4,20	● (2)

O arrefecimento da inflação no mês de agosto está ocorrendo principalmente pelo impacto dos alimentos e do conjunto de gastos com habitação, que perdeu forças devido à desaceleração da tarifa elétrica residencial. A desaceleração somente não foi maior devido aos preços dos combustíveis, que ainda apresentaram elevação na gasolina e no etanol.

De qualquer maneira a inflação segue nos trilhos da meta, navegando dentro do limite inferior do centro do alvo que é 4,5% (limite inferior 3% e superior 6%). Atualmente o índice acumula 1,43% em 2017 e 2,71% no período de 12 meses.

IPCA e meta de inflação



Fonte Bacen

Patrick Silva é especialista em Controladoria e Finanças, graduado em Ciências Contábeis, com Especialização em Controladoria, com MBA Executivo em Finanças pela FGV/SP, e aluno do Programa CFO Strategic ISAE|IBEF

MERCADO DE TRABALHO

Pnad. Análise da mão de obra ocupada no Paraná (2º Trimestre 2017).

De acordo com os dados informados pela Pnad/IBGE referente ao 2º Trimestre de 2017, em agosto deste ano o total de pessoas aptas a trabalhar, ou seja, pessoas com 14 anos ou mais que estão na força de trabalho no estado do Paraná, teve um acréscimo de 85 mil pessoas quando comparado com o mesmo período de 2016.

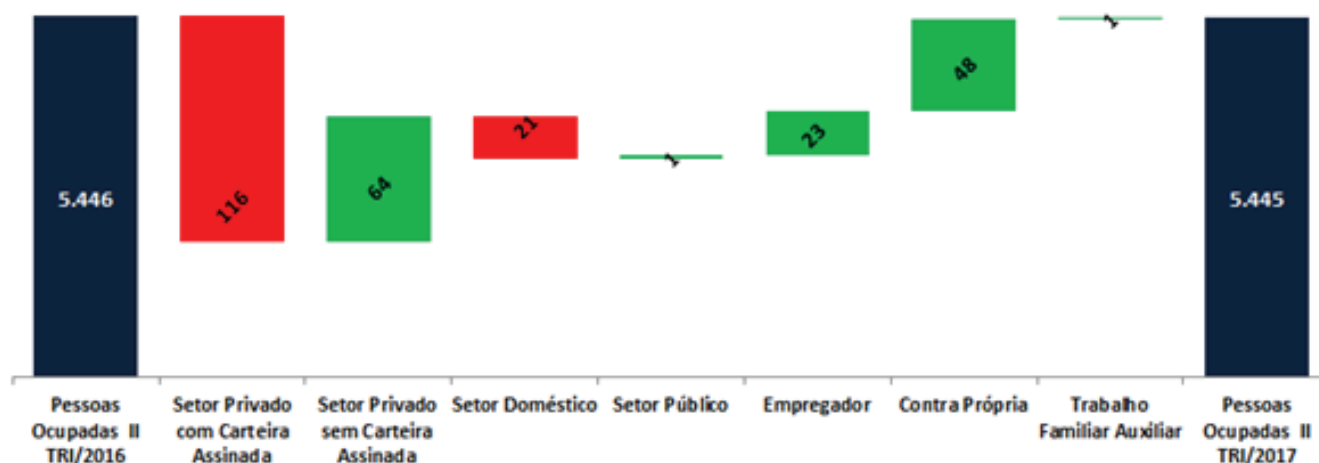
Composição Pessoas Aptas a trabalhar (Milhares)	II TRV2016	II TRV2017	Δ
Pessoas aptas a trabalhar	9.200	9.285	85,0
Pessoas aptas a trabalhar - empregadas	5.446	5.445 -	1,4
Pessoas aptas a trabalhar - desempregadas	486	533	46,6
Pessoas aptas a trabalhar - fora da força de trabalho	3.268	3.308	39,6

Fonte: Pnad/IBGE

Ao analisar as pessoas aptas a trabalhar, mas que estão desempregadas, verifica-se que houve um aumento de 46,6 mil pessoas em relação ao mesmo período de 2016, o que representa um aumento de 9,67%. O mesmo movimento pode ser verificado no item pessoas aptas a trabalhar, mas que estão fora da força de trabalho, em que houve uma variação de 39,6 mil pessoas, representando um aumento de 1,22%. Contudo, quando se analisa as pessoas aptas a trabalhar e que estão empregadas verifica-se uma redução de 1,4 mil pessoas.

No gráfico a seguir, é possível distinguir a migração do trabalhador entre o 2º trimestre de 2016 e o 2º trimestre de 2017, entre os setores analisados.

Variação das pessoas ocupadas nos setores 2º TRI/2016 - 2º TRI/2017



Fonte: Pnad/IBGE

O setor privado com carteira assinada teve a maior variação negativa, com cerca de 116 mil trabalhadores que perderam seu trabalho formal na comparação de 2º TRI/2017 com o 2º TRI/2016. No entanto, no setor privado sem carteira assinada houve um aumento de 64 mil trabalhadores admitidos. No setor doméstico houve uma redução de 21 mil trabalhadores neste período. Já no setor público ocorreu apenas o acréscimo de mil trabalhadores por conta da constância de empregabilidade do serviço público garantida por lei. Quanto ao setor empregador (dono do próprio negócio) verifica-se um crescimento de 23 mil, juntamente com o setor de pessoas que optaram em trabalhar por conta própria, que teve um aumento de 48 mil. Movimento semelhante pode ser observado no setor trabalho familiar auxiliar, quando o indivíduo complementa a renda familiar com uma atividade remunerada intermitente (muito conhecido como “bico”).

Esses dados mostram uma degradação do mercado de trabalho paranaense, na medida que, apesar do número de pessoas empregadas ter se mantido em 5.445 mil, houve um intenso movimento de migração, principalmente dos trabalhadores com carteira assinada, que buscaram empreender em atividades próprias, seja com empregador ou como autônomo.

* **Jefferson Marcondes Ferreira** é economista, especialista em Controladoria pela Universidade Positivo e atua como profissional de finanças há 13 anos. Atualmente, trabalha numa empresa de meio ambiente ligada a reaproveitamento de materiais para matriz energética.

TECNOLOGIA

A era dos Microserviços

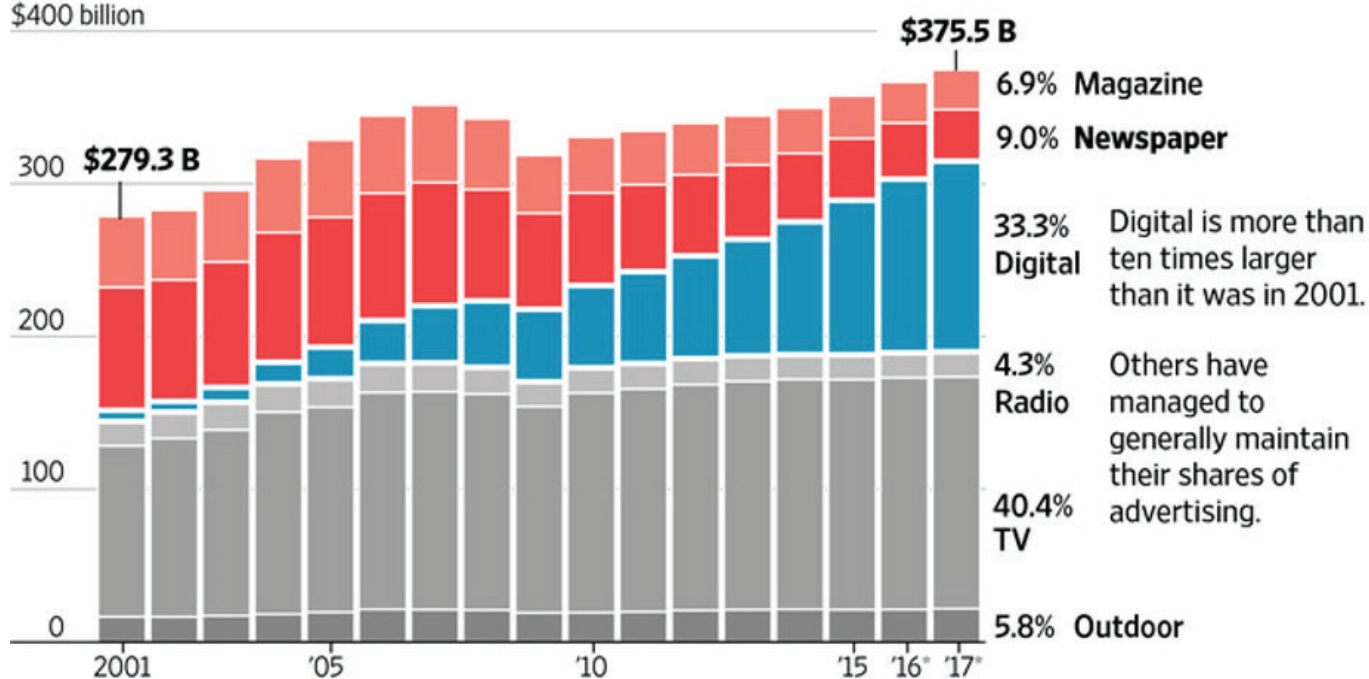
Ano após ano, reduz-se o número de periódicos que circula no mercado, forçando os editoriais a mudarem seu posicionamento estratégico para o mundo digital. Esta é uma tentativa de reverter o cenário de crise do setor, oriundo da queda de receita dos anúncios impressos. Grandes títulos como The New York Times e The Wall Street Journal (WSJ) tiveram reduções de 20% da receita de anúncios impressos, de acordo com matéria do Valor Econômico. Estimativas globais do GroupM (imagem abaixo) publicadas, na versão online, do The Wall Street Journal denotam que não apenas jornais são impactados, também os gastos com anúncios em revistas serão 2.9% menores em 2017.

Media Shifts

Newspaper declines in print advertising are accelerating, shrinking their share of media spending.

Global ad spending, divided by media share, inflation-adjusted

\$400 billion



Fonte: The Wall Street Journal - <http://on.wsj.com/2vmrg48>

Estas quedas resultam de uma combinação de diversos fatores, entre eles o aumento da oferta de conteúdo através de blogueiros, colunistas independentes, canais no youtube... e diversas outras formas de comunicação que oferecem, acima de tudo, o conteúdo que o leitor ou espectador tem realmente inte-

resse. Então por que receber diversos cadernos com informações sobre moda ou classificados quando, na verdade, o interesse é se atualizar com relação às ações governamentais e notícias empresarias? Esta é a visão de microserviços, da mesma forma que aumenta o desejo por objetividade e eficiência no mundo das notícias, o paralelo é equivalente para a resolução de problemas de negócios com o uso da tecnologia. O espaço para grandes projetos é cada vez menor e o universo de soluções tecnológicas reagiu a isto. Empresas como Microsoft, Google, SAP e IBM estão oferecendo microserviços, através de plataformas que atendem problemas pontuais. Esse avanço permite, com baixo custo, adicionar recursos muito avançados em atividades simples, mas trabalhosas, os quais aportarão competitividade a pequenas empresas. A título de ilustração, uma empresa de segurança poderá oferecer serviços de reconhecimento facial, em tempo real, sem a necessidade de adquirir uma solução de milhões de dólares para isto.

Referências:

Jornais reagem a Google e Facebook

<http://www.valor.com.br/empresas/5034868/jornais-reagem-google-e-facebook>

Painel de Conjuntura Macroeconômica

Atento ao quadro de instabilidade econômica e com o intuito de auxiliar nas tomadas de decisões do mercado, o ISAE reuniu profissionais das áreas financeira e econômica e criou o Comitê Macroeconômico, com o objetivo de agregar valor à sociedade por meio de pesquisas, análises e interpretações de dados macroeconômicos.

O Comitê Macroeconômico é coordenado por Rodrigo Casagrande, professor do Mestrado em Governança e Sustentabilidade do ISAE, e Fabio Alves da Silva, executivo de finanças da Renault. É composto por profissionais que possuem competências complementares, provenientes de diferentes instituições, como ISAE, Banco Central do Brasil, Renault e SEBRAE.

O comitê também conta com a participação de alunos do CFO ISAE, programa desenvolvido com o objetivo de capacitar o profissional de finanças em conceitos e temas técnicos específicos da teoria financeira que ajudam na condução estratégica dos negócios, trazendo a visão de pessoas que impulsionam as ações e potencializam resultados, além de alunos do Programa de Mestrado em Governança e Sustentabilidade do ISAE.

EQUIPE TÉCNICA

Adriano Bazzo

Christian A. Geronasso

Christian Bundt

Luciano De Zotti

Jefferson Marcondes

Patrick Silva

COORDENAÇÃO TÉCNICA

Fabio Alves da Silva

COORDENAÇÃO GERAL

Rodrigo Casagrande



ISAE

Escola de Negócios